

Infância e gênero

Memorial de pesquisas

MAGDA CARMELITA SARAT OLIVEIRA*

MÍRIA IZABEL CAMPOS**

RESUMO: O artigo traz para o debate as pesquisas em educação, entre 2008 e 2012, que envolveram profissionais da educação infantil em cidades de Mato Grosso do Sul, sobre temáticas de gênero e diversidade sexual, que tinham o objetivo de contribuir com a formação inicial e continuada de graduandas/os de licenciatura em pedagogia.

Palavras-chave: Pesquisa em educação. Infância. Gênero.

Introdução

No ano de 2007 conhecemos uma estudante universitária que atendia pelo nome social de Satine. Ela nos apresentou a diferença/desigualdade concreta sentida na pele e no corpo de quem cotidianamente conviveu nos espaços de exclusão da educação, da escola, da rua e de todos os demais lugares que frequentou. Por causa disso, e na luta para sair disso, Satine se dedicou a compreender as temáticas de gênero, diversidade, sexualidade, homossexualidade, transexualidade, transgeneralidade, a partir de leituras em diferentes campos e perspectivas. Destacamos tais prolegômenos iniciais, pois queremos dedicar este texto à sua memória, pois ela se foi, mas nos deixou um legado que virou pesquisa.

* Doutora em Educação. Professora Associada da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Líder do Grupo de Pesquisa Educação e Processo Civilizador (PPGEdu/UFGD) e coordenadora do Projeto Bi Nacional entre a Universidade de Buenos Aires (UBA) e a UFGD no âmbito do CAFP/CAPES/SPU. Dourados/MS – Brasil. *E-mail:* <magdaoliveira@ufgd.edu.br>.

** Doutoranda em Educação. Professora do Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* Especialização em Docência na Educação Infantil (PPGEdu/FAED/UFGD). Membro dos grupos de pesquisa na UFGD: Gênero, Identidade e Memória na Faculdade de Ciências Humanas (FCH), Educação e Processo Civilizador e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Infantil e Infância na Faculdade de Educação (Faed). Dourados/MS – Brasil. *E-mail:* <miriacampos@ufgd.edu.br>.

Nosso encontro com Satine foi decisivo na gestação e execução de uma trajetória de estudos que teve seu viés direcionado às temáticas que ora apresentamos. Fomos desafiadas e instigadas – nós, professoras formadoras de professoras/es em curso de licenciatura em pedagogia – a refletir acerca das nossas práticas pedagógicas e a projetar uma perspectiva de formação inicial e continuada que gerou muitos trabalhos e permanece dando frutos. A partir do projeto de pesquisa intitulado *Histórias e Memórias de Infância: identidade de gênero na formação de profissionais da Educação Infantil* (SARAT, 2008-2012) nós empreendemos investigações que envolveram profissionais da educação infantil, enfocando prioritariamente suas memórias de infância com relação às questões de identidade, gênero e sexualidade.

Buscamos, a partir das diferentes pesquisas, entender como se (con)formam os lugares sociais de meninas e meninos e de que maneira as relações estabelecidas na infância podem corroborar as práticas pedagógicas das profissionais que atendem as crianças nas instituições de educação infantil. Compreendendo a infância como uma referência construída histórica, cultural e socialmente, período marcante na formação do indivíduo e momento em que definimos a relação que estabeleceremos na vida adulta (SARAT, 2009), nos propusemos a fazer um levantamento da bibliografia a respeito da temática.

Procuramos nas contribuições de Elias (1994) e sua teoria do “processo civilizador”, refletir acerca da identidade e sexualidade como uma questão eminentemente social, que muda no curso dos períodos históricos à medida que as sociedades e seus indivíduos vão se transformando e impondo novas formas de se relacionar. Tais aspectos vão sendo definidos socialmente, assim como o lugar e o não lugar de homens e mulheres, que no curto período da infância devem aprender a se comportar pela representação de modelos sociais (ELIAS, 1994). Também nos apoiaram, em alguns aspectos da pesquisa, os estudos de Foucault (2009), especialmente voltados para a história da sexualidade, que apontam para “o regime de poder-saber-prazer que sustenta entre nós o discurso sobre a sexualidade humana.” (FOUCAULT, 2009, p. 17).

A metodologia desenvolvida, além dos levantamentos bibliográficos, foi pensar a temática a partir de histórias de vida e memórias de infância de mulheres, especialmente professoras da educação infantil e/ou mulheres envolvidas no trabalho docente. Tais relatos produziram uma fonte documental que foi analisada com os construtos da história oral e suas metodologias específicas, recortadas no viés histórico e sociológico, que é o foco desta investigação.

Desse modo, o projeto gerou muitas atividades de investigação, apresentadas a partir de projetos menores que possibilitaram um alcance em diferentes níveis na produção do conhecimento em iniciação científica, trabalhos de graduação (trabalhos finais da licenciatura em pedagogia) e no mestrado em educação. Dezenas destes trabalhos foram disponibilizadas em eventos e reuniões científicas de caráter nacional e internacional, dando visibilidade à temática.

Memorial das pesquisas

A partir do projeto de pesquisa *Histórias e Memórias de Infância: identidade de gênero na formação de profissionais da Educação Infantil*, empreendemos investigações com bolsistas de iniciação científica, a maioria acadêmicas de pedagogia e uma do curso de psicologia. Os estudos desenvolvidos pelas acadêmicas de licenciatura em pedagogia foram se articulando com a perspectiva de formação ao longo do curso, gerando trabalhos de graduação (trabalhos finais de conclusão de curso, os TG, na nossa faculdade). A pesquisa também se estendeu ao mestrado em educação, com a defesa de uma dissertação em 2010. Todos estes trabalhos originaram outras produções, que foram apresentadas em diversos eventos científicos, publicadas em periódicos e como capítulo de livro.

Em grande parte as investigações envolveram profissionais da educação infantil, enfocando prioritariamente suas memórias de infância com relação às questões de identidade, gênero e sexualidade. Alguns trabalhos abrangeram observações de práticas pedagógicas, desenvolvidas nos espaços de atendimento das crianças nas cidades de moradia das acadêmicas. A partir dessas especificidades, temos uma mostra de seis pesquisas na cidade de Dourados/MS e três na cidade de Itaporã/MS, ambas localizadas no estado de Mato Grosso do Sul (MS).

Trabalhos de iniciação científica

Elencamos primeiramente, no Quadro 1, os trabalhos de seis acadêmicas bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Pibic/CNPq), que resultaram em sete relatórios apresentados como artigos de iniciação científica, dois deles premiados como melhores trabalhos na universidade.

Quadro 1: Trabalhos de iniciação científica

Acadêmica	Título do trabalho	Ano do Relatório Final
Ivanete Fernandes Pereira	Professoras na educação infantil: memórias de infância e identidade de gênero	2009
Josiane Pereira Santos	Vamos brincar de casinha? Concepções de jogos e brincadeiras com as crianças na educação infantil	2009
Janaína Tibúrcio	Vamos Brincar? Concepções de jogos brincadeiras na instituição de educação infantil	2010

Acadêmica	Título do trabalho	Ano do Relatório Final
Bruna Amaral Dávalo	Memórias de infância de professoras e a identidade de gênero na formação das crianças da educação infantil	2010
Bruna Amaral Dávalo	Memórias de infância de mães, professoras na educação infantil, e a educação dos meninos	2011
Daniéle de Matos Machado	Educação infantil e gênero: o cuidar e educar das crianças pequenas na creche	2011
Joice Camila dos Santos Kochi	Memória de homens, pais de meninos e casados com professoras, sobre questões de gênero na infância e a educação de meninos	2012

Fonte: Sarat e Campos (2015).

O primeiro relatório, de Ivanete Fernandes Pereira, apresenta resultados de pesquisa cujo objetivo era buscar, nas memórias de infância de professoras, de que modo suas concepções de gênero e papéis sociais de homens e mulheres se expressam nas práticas pedagógicas cotidianas. Para a produção dos registros, ela utilizou a história oral, entrevistando professoras dos centros de educação infantil municipal (CEIM), da cidade de Dourados/MS, que têm um quadro eminentemente feminino, reproduzindo uma realidade de todo o País.

As conclusões da pesquisadora indicaram o desconhecimento do significado dos conceitos de gênero, de identidade, de papéis sociais de homens e mulheres e, especialmente, da consciência de que tais conceitos se expressam no cotidiano de suas atividades. Também ficou evidenciada a ausência da discussão desses temas em projetos coletivos da instituição educacional, bem como uma lacuna na formação acadêmica que possibilitasse pensar o dia a dia com as crianças. Ela observou, ainda, a presença de estigmas recorrentes dos modelos conservadores, patriarcais e moralizadores na história de vida das professoras e concepções fundadas em perspectivas que naturalizam e reafirmam as relações desiguais de gênero. (PEREIRA, 2009a).

Josiane Pereira Santos, no segundo relatório, traz estudo desenvolvido na cidade de Dourados/MS, que buscou entender os papéis sociais de meninas e meninos no tocante à identidade de gênero na educação infantil. Partindo da premissa de que os jogos, brincadeiras, cantigas e contos, no espaço formal da educação infantil, contribuem para inserir valores fundamentais na formação das concepções da criança sobre o mundo, ela colheu depoimentos das professoras, a partir das suas memórias de infância, utilizando a metodologia da história oral.

Suas conclusões apontaram que as concepções das professoras sobre os papéis sociais se configuram nas práticas pedagógicas e demonstram desconhecimento acerca

da temática. Tal desinformação acaba por dificultar o trabalho com as crianças, em espaço no qual as desigualdades estão presentes e, na maioria das vezes, as professoras não têm condições de atuar frente às demandas e reproduzem práticas preconceituosas. Os discursos revelaram que elas acreditam nas atividades lúdicas como fundamentais para o desenvolvimento infantil, pois permite à criança integrar várias dimensões de sua identidade, assimilar a realidade e vivenciar papéis. No entanto, a pesquisadora percebeu que, na maioria das vezes, tais atividades estão sob o controle dos adultos e de seus padrões de comportamento. (SANTOS, 2009).

A outra investigação foi desenvolvida por Janáina Tibúrcio e caminhou na mesma perspectiva, ou seja, buscou analisar a influência dos adultos em relação à construção dos papéis sociais de meninas e meninos na instituição de educação infantil. Foram entrevistadas três professoras do Centro Municipal de Educação Infantil do município de Itaporã/MS e realizadas observações de jogos e brincadeiras no interior da instituição.

No término da pesquisa, Tibúrcio (2010) refletiu que questões relativas à identidade de gênero ainda são consideradas um tabu para as docentes, fato que, inclusive, dificultou a participação de muitas delas no estudo. Somente a perspectiva de falar sobre o assunto fez com que muitas fugissem, negando-se a participar da pesquisa. A pesquisadora concluiu o estudo salientando a necessidade de as/os educadoras/es buscarem conhecer mais sobre a temática de gênero e diversidade sexual, para assim discutirem as atividades propostas e suas concepções sobre o papel dos brinquedos e das brincadeiras, possibilitando com isso o desenvolvimento pleno das crianças.

O quarto relatório do Quadro 1 é o primeiro de Bruna Amaral Dávalo. Ele registra resultados de investigação que foi buscar nas memórias de infância de professoras, de que modo suas concepções, no que diz respeito às questões de gênero e os papéis sociais de homens e mulheres, se expressam nas práticas pedagógicas cotidianas. Para a produção dos registros também foram utilizados os construtos da história oral, quando ela entrevistou professoras de educação infantil, da rede pública do município de Dourados/MS, com formação em pedagogia e que atuavam junto à infância.

As conclusões da pesquisadora ressaltaram que as falas das professoras demonstraram um desconhecimento do significado dos conceitos de gênero, identidade, papéis sociais de homens e mulheres e, principalmente, da consciência de que tais conceitos estão presentes nas suas atividades no dia a dia das instituições. Ela evidenciou que, mesmo no contexto atual de propostas educacionais para um discurso politicamente correto em relação à prática pedagógica, tais como respeito às relações étnicas, de gênero, à diversidade sexual e à inclusão, as entrevistadas deram a entender que não têm leituras sobre o tema e apresentaram dificuldades em lidar efetivamente com questões de gênero. Tal perspectiva levou Dávalo (2010) a considerar a permanência de um processo que reforça estereótipos e mantém uma educação de caráter conservador e moralizante com relação à formação da identidade social.

O segundo trabalho desenvolvido por Bruna Amaral Dávalo surgiu de uma curiosidade muito particular da acadêmica, bastante instigante e importante, quando quis investigar as possíveis peculiaridades da criação, quer seja, do cuidado e da educação de meninos. Os estudos eram para saber sobre a diferença na criação dos filhos no tocante as questões de gênero e em que eventos, pensamentos e direção o valor e atenção dados à educação de meninos difere da educação idealizada para as meninas.

Ela buscou justificar a hipótese por meio de pesquisa bibliográfica na área específica da temática e através da metodologia da história oral, realizando entrevistas para recolher relatos e memórias de professoras da educação infantil, mães de meninos. Foram entrevistadas cinco mulheres, professoras da rede pública de educação de Dourados/MS, com idade entre 28 e 48 anos, em sua maioria, casadas e com mais de um filho. As entrevistas gravadas, analisadas em paralelo com as referências bibliográficas, demonstraram a necessidade de novas pesquisas, mas já evidenciaram uma real diferença na educação de meninos e meninas. A pesquisadora chamou a atenção para o fato de que há muito a ser feito para mudar essa situação e que o processo passa por todas as instituições sociais, especialmente a família e a escola. (DÁVALO, 2011).

Os estudos de Danièle de Matos Machado objetivaram investigar as práticas pedagógicas de professoras no que diz respeito ao tratamento destinado a meninos e meninas, e aos papéis que elas desenvolvem no interior da instituição de educação infantil, que possibilitam configurações de identidades de gênero das crianças pequenas. Ela realizou sua pesquisa na cidade de Itaporã/MS e, a partir de observações do cotidiano, produziu um diário de campo. As análises dos dados coletados, em paralelo com a bibliografia estudada, apontaram que a identidade de gênero se constitui ao longo dos processos de socialização e aprendizagem, sendo a infância um período primordial nessa construção.

Machado (2011) salientou que na educação infantil as afinidades entre meninos e meninas, como também destes com a professora constituem um aspecto relevante na formação das crianças, ou seja, o indivíduo não nasce pronto, se forma/transforma cotidianamente em um processo de constante mudança. Ao concluir a pesquisa, observou a importância da investigação para perceber o quanto ela é necessária à formação da professora e de todos os adultos que atuam junto às crianças, e de como é possível construir laços de entendimento, afetividade e respeito aos modos de ser e pensar das crianças pequenas.

O relatório de Joice Camila dos Santos Kochi integra a última etapa do projeto de pesquisa iniciado no ano de 2008. A sua investigação é uma continuidade/ampliação da pesquisa desenvolvida por Dávalo (2011) sobre as possíveis peculiaridades da criação, ou seja, do cuidado e da educação de meninos, pois tal investigação levantou novas perguntas quando as mães professoras entrevistadas disseram ser o pai o responsável pelo assunto. Portanto, dando continuidade à investigação, Kochi (2012) buscou saber, por meio das experiências adquiridas na infância de pais, casados com professoras de

Dourados/MS, as suas concepções acerca da compreensão das questões da identidade de gênero e educação de seus filhos, em especial os meninos.

A metodologia fundamentou-se em levantamentos bibliográficos, na história oral e na produção de documentos a partir de entrevistas. O objetivo foi refletir sobre o discurso desses pais e suas práticas, em parceria com suas esposas professoras. As evidências apontaram a influência da educação recebida, que reflete na educação da próxima geração. O quanto ainda está enraizada a concepção de que menina precisa ser protegida e o menino não pode chorar, pois é o futuro homem desejado por esses pais. Embora pudesse ser observado algum sinal de mudança nas concepções e valores desses pais, a pesquisadora apontou a presença de aspectos ainda arraigados na nossa sociedade que demonstram desigualdades de gênero. (KOCHI, 2012).

Antes de iniciar a próxima mostra de trabalhos, fazemos um parêntese para indicar a pesquisa de iniciação científica intitulada *Gênero, sexualidade e brincadeira: as concepções e práticas pedagógicas das professoras de educação infantil*, proposta por Satine Rodrigues Borges, que nos estimulou a começar, mas ficou inconclusa, pois a morte a levou ainda jovem.

Trabalhos de graduação na licenciatura em pedagogia

Como já registrado, o projeto de pesquisa também possibilitou o desenvolvimento de trabalhos de graduação das acadêmicas do curso de licenciatura em pedagogia. São quatro TG, fundamentados nos dados das pesquisas de iniciação científica e dois, a partir de pesquisas inéditas, realizadas especificamente para a conclusão do curso. Passemos, então, ao demonstrativo dos estudos no Quadro 2.

Quadro 2: Trabalhos de graduação na licenciatura em pedagogia

Acadêmica	Título do trabalho	Ano da defesa do TG
Ivanete Fernandes Pereira	Professoras na educação infantil: memórias de infância e identidade de gênero	2009
Josiane Pereira Santos Miranda	Brincadeiras de meninos e meninas: reflexões acerca da relação de identidade de gênero na educação infantil	2009
Janaina Tiburcio Moreira	Concepções de jogos e brincadeiras na educação infantil: construção da identidade de gênero	2010
Cristiane Viana de Oliveira	A formação da identidade na educação infantil: sob a perspectiva da criança	2011

Acadêmica	Título do trabalho	Ano da defesa do TG
Natália Silva de Oliveira	Memórias de infância de lésbicas na família e na escola	2011
Daniéle de Matos Machado	Como os bebês são educados? Cuidar/educar: as relações de gênero com crianças pequenas na creche	2012

Fonte: Sarat e Campos (2015).

Ivanete Fernandes Pereira, no primeiro TG, buscou identificar, através das experiências adquiridas na infância das professoras, sua compreensão acerca da identidade de gênero, bem como conhecer as suas práticas pedagógicas, refletindo sobre as interações dos conceitos na formação de meninas e meninos. Ela utilizou a história oral, realizando entrevistas com professoras dos centros de educação infantil municipal de Dourados/MS.

As considerações de Pereira (2009b) apontaram o desconhecimento do significado dos conceitos de gênero, a ausência da discussão do tema nas práticas pedagógicas e a presença de estigmas recorrentes dos modelos conservadores na história de vida das professoras. A pesquisadora verificou, também, a ausência de uma formação acadêmica que apontasse debates sobre a temática. Nesse sentido, ressaltou que, embora atualmente as propostas educacionais discutam a respeito das relações de gênero, as entrevistadas evidenciaram desconhecimento e distanciamento do tema.

O trabalho de Josiane Pereira Santos Miranda procurou entender os papéis sociais de meninos e meninas no tocante à identidade de gênero. Ela realizou observações de práticas pedagógicas em espaços de educação infantil de Dourados/MS, priorizando os jogos e as brincadeiras de faz de conta. Depois entrevistou as professoras envolvidas, utilizando os construtos da história oral, quando procurou perceber como as suas concepções sobre os papéis sociais se configuravam em suas práticas pedagógicas.

Os relatos das professoras mostraram, de maneira recorrente, a ausência de estudos acerca da temática, demonstrando a fragilidade dos cursos de licenciatura em pedagogia que não possibilitam uma formação ampla e sólida, dificultando às professoras desconstruírem aprendizados preconceituosos adquiridos na infância. (MIRANDA, 2009).

O texto de Janaína Tiburcio Moreira traz um estudo desenvolvido em instituição de educação infantil na cidade de Itaporã/MS, quando ela objetivou saber como as professoras trabalhavam as questões da identidade de gênero no dia a dia com as crianças. Para isso, realizou uma observação participante, com registro em diário de campo, que buscou perceber como eram as relações entre meninas e meninos durante as brincadeiras.

O estudo mostrou que a construção da identidade de gênero se faz presente no espaço de educação infantil através das brincadeiras, dos gestos e, até mesmo, na hora de escolher um brinquedo. Ela percebeu, mais uma vez, o desconhecimento da temática

por parte das professoras, influenciando a construção da identidade de gênero das crianças, pois os adultos estabeleciam regras, normas e controles para os diferentes gêneros. (MOREIRA, 2010).

O trabalho de Cristiane Viana de Oliveira discorreu sobre pesquisa que partiu da premissa de que a identidade de gênero é um processo que se constrói desde a infância, sendo as relações familiares consideradas como primeiro espaço de socialização da criança. Mas, também, as instituições tanto públicas quanto particulares de educação infantil foram tidas como instâncias socializadoras da primeira infância, quando as crianças podem vivenciar diferenças entre seus papéis sociais de meninas e meninos.

Sendo assim, foi realizada uma investigação empreendida nas práticas cotidianas na educação infantil, em uma sala de pré-escola na cidade de Itaporã/MS, sob a perspectiva da criança, percebendo-a como o centro da ação pedagógica. Portanto ouvindo a sua voz e as suas concepções sobre o processo de aprendizagem, a partir de uma metodologia que utilizou a entrevista com a criança e a realização de atividades pedagógicas nas quais estas temáticas estavam contempladas.

A pesquisadora buscou compreender o processo de formação das identidades, pelo olhar das crianças, considerando que na atualidade referências bibliográficas apontam respostas para as inúmeras questões sobre gênero e sexualidade, mas no cotidiano muitas vezes fica-se sem ação quando aparecem as perguntas das crianças, tais como: Por que meninos não podem passar batom? Por que só as meninas brincam com boneca? Por que só os meninos podem jogar futebol? Enfim, perguntas que na prática deixam docentes e crianças sem respostas convincentes ou, quando dadas, vêm carregadas de preconceitos. (OLIVEIRA, C., 2011).

A pesquisa de Natália Silva de Oliveira teve por objetivo compreender e refletir, a partir de lembranças de infância e histórias de vida de homossexuais lésbicas, como as relações de gênero fortemente construídas desde antes do nascimento podem interferir na formação dos sujeitos, principalmente quando estes fogem à regra heteronormativa considerada pela maioria. Numa sociedade heteronormativa que apresenta preconceito racial, social e sexual, com os homossexuais não é diferente. A partir disso, Oliveira (N., 2011) fez questão de apontar que, por diversas vezes, ouvia comentários maldosos sobre a orientação sexual desses indivíduos, os quais a instigaram a investigar os motivos.

Utilizando a metodologia da história oral, a pesquisadora colheu os relatos de vida e as histórias de infância de três mulheres da cidade de Dourados/MS, assumidamente lésbicas. Seu intuito foi procurar nas suas memórias de infância indícios que ajudassem a compreender os sentimentos desenvolvidos e as formas de tratamentos a elas dispensados, no ambiente familiar e na escola, ainda na infância.

Nas conclusões, registrou seu intento de que a pesquisa possa contribuir com as discussões acerca das atitudes e práticas pedagógicas destinadas àqueles e àquelas que não se enquadram nas regras de uma orientação sexual considerada legítima e certa, ou

seja, a heterossexualidade. Também deixou evidenciada a vontade de que seu estudo desperte a sensibilidade, tanto de educadoras/es, como pais, mães e demais pessoas da comunidade, à necessidade de respeitar a diversidade de orientações sexuais, permitindo que os sujeitos possam viver plenamente sua sexualidade e tenham garantidos seus direitos. Além disso, chamou a atenção para o fato de as leituras e os relatos analisados a terem feito saber/entender que muitas pessoas que transgridem as fronteiras do sexo conseguem superar as dificuldades, dar a volta por cima e serem felizes. (OLIVEIRA, N., 2011).

O último TG, de Daniéle de Matos Machado, teve como objetivo investigar e analisar as práticas pedagógicas das professoras, quanto ao tratamento destinado a meninos e meninas, identificando os conceitos que desenvolviam no interior da instituição de ensino a respeito das identidades de gênero de crianças pequenas. Além dos levantamentos e estudos bibliográficos, a pesquisadora foi a campo em instituição localizada na cidade de Itaporã/MS, quando realizou observação dos comportamentos das professoras e das crianças, o que resultou em um diário de campo.

Machado (2012) ressaltou que, com o estudo, teve a intenção de contribuir nas discussões, procurando trazer algumas reflexões acerca das relações de gênero e sexualidade nas instituições, tendo como foco a educação infantil. Nas conclusões ela ressaltou que, muitas vezes, tais problemáticas não são trabalhadas, ora por falta de conhecimento, ora pelo fato das professoras considerarem que o assunto seja de interesse apenas de renomados estudiosos da área ou, ainda, por acreditarem que temáticas relacionadas à diversidade sexual e de gênero não devam se destinar às crianças pequenas.

A partir das observações na instituição, a pesquisadora ainda evidenciou a presença de práticas que reforçavam uma sexualidade binária e heterossexual, além de alguns posicionamentos de legitimação do que cada criança podia ou não podia fazer, do que era certo e do que era errado e, por estarem tão naturalizados, chamavam a atenção de forma significativa. (MACHADO, 2012).

A pesquisa de mestrado e seus desdobramentos

O Quadro 3 traz o registro de alguns trabalhos desenvolvidos a partir da dissertação intitulada *Memórias de infância de professoras da educação infantil: gênero e sexualidade*, defendida no Programa de Pós-graduação em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Grande Dourados (CAMPOS, 2010). A investigação foi realizada pela então acadêmica do programa, Míria Izabel Campos, sob a orientação da professora Magda Sarat. O estudo, como exposto antes, também integra o projeto de pesquisa *Histórias e Memórias de Infância: identidade de gênero na formação de profissionais da Educação Infantil*, mas ele tem uma história muito particular e importante, que vale ser contada, pois foi a partir dela que conhecemos Satine.

Em nossas trajetórias como professoras de licenciatura em pedagogia, nos aproximamos das instituições públicas de atendimento à infância do município de Dourados/MS, para acompanhar as acadêmicas nos estágios supervisionados. A partir daí, outros trabalhos foram se desenhando como projetos de extensão da universidade. Um, que especialmente nos desfiou e motivou, foi a orientação às/aos coordenadoras/es e professoras/es para a reelaboração/reescrita do Projeto Político Pedagógico (PPP) das instituições de educação infantil.

O desenvolvimento desta ação se estendeu de outubro de 2006 a dezembro de 2007 e possibilitou refletir com coordenadoras/es e professoras/es para além das questões teóricas, pois muitas angústias que elas vivenciavam no cotidiano do fazer pedagógico estavam latentes e se encaminhavam, às vezes, com grandes dificuldades. Dentre estas, as concepções de gênero, sexualidade e infância que orientavam suas práticas pedagógicas se apresentaram de maneira sugestiva, instigante e, a partir daí, passamos a delinear os primeiros contornos da pesquisa no mestrado em educação.

Algumas pistas começaram a surgir, quando propusemos incluir nos novos textos de PPP a temática gênero e sexualidade na educação da infância. As falas que surgiram giravam em torno das seguintes questões: “esse assunto eu não sei”; “sobre isso eu tenho que estudar”; “disso eu não entendo nada”. Mas maiores foram os silêncios, denotando uma “conspiração do silêncio”, o que Elias (1994, p. 179) pontua como o antigo “mistério” que ronda o esclarecimento das questões sexuais, temática que continua um “problema agudo” nas relações entre adultos e crianças no dia a dia das instituições.

Como alerta Fontes (2008, p. 14), “a Universidade é [...] chamada à responsabilidade do tema da alteridade e da inclusão [...] a repensar sua posição frente aos novos sujeitos escolares que reivindicam seu espaço no currículo escolar, entre eles as minorias sexuais e de gênero”. Nesse contexto, nós percebemos a necessidade de intervenções mais pontuais e contínuas que pudessem promover mudanças significativas nas práticas pedagógicas das professoras, que deram mostras de um desconhecimento e distanciamento das discussões sobre a temática da diversidade, bem como demonstraram lacunas oriundas de suas formações na graduação em pedagogia.

Assim, no bojo do projeto maior, nossa pesquisa de mestrado se encaminhou com o propósito de investigar como as professoras da educação infantil vivenciaram/construíram concepções de gênero e sexualidade nas suas diversas relações interpessoais, nos espaços privado e público, quer sejam, família, comunidade, escola, igreja. Conforme aponta Xavier Filha (2005, p. 197), “[...] qualquer espaço social pode transformar-se em instâncias e práticas pedagógicas, desde que orientados para a constituição de sujeitos”.

A autora corrobora Louro (2008, p. 17), quando esta salienta que, “gênero e sexualidade são construídos através de inúmeras aprendizagens e práticas, empreendidas por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais, de modo explícito ou dissimulado, num processo sempre inacabado”. A partir disso, nossa premissa era de que essas

mulheres/professoras tinham sido educadas e cuidadas para corresponderem a comportamentos ditos de meninas, conforme padrões sociais e históricos dominantes e impostos. E que tais aprendizados, por não terem sido desconstruídos/ressignificados, estavam presentes, sendo reproduzidos cotidianamente nas suas práticas pedagógicas.

Definidos nossos objetivos, empreendemos estudos teóricos sobre a infância, a educação infantil e suas interfaces com gênero e sexualidade e gravamos os depoimentos das professoras, trabalhando com a história oral temática, que, segundo Freitas (2002, p. 21), é um dos gêneros possíveis dessa metodologia, pois “[...] a entrevista tem caráter temático e é utilizada com um grupo de pessoas sobre um assunto específico”. Sendo assim, realizamos entrevistas semiestruturadas, quando recolhemos as memórias de infância no tocante à temática de gênero e sexualidade, de cinco professoras que atuavam junto às crianças de zero a cinco anos nos centros de educação infantil municipal, instituições públicas da cidade de Dourados/MS.

A partir da nossa concepção teórica, consideramos primordial entrevistar mulheres/professoras que tinham nascido em Dourados/MS e vivido sua infância na cidade. Ou seja, meninas que viveram um tempo, um espaço e uma cultura específicos. Sobre o nosso recorte, contribuiu Xavier Filha (2000), ao discutir as diferentes respostas dadas, por exemplo, às perguntas sobre o termo sexualidade, chamando nossa atenção para os conceitos embutidos nas palavras. De como eles são originários de cada sociedade, de cada época, e aponta que “o sentido do termo sexualidade poderia ser outro, se fizéssemos a mesma pergunta na década de trinta, ou mesmo, para comunidades contemporâneas, [...] para uma cidade litorânea e outra para uma comunidade do interior do Brasil.” (XAVIER FILHA, 2000, p. 144).

Ainda cabe salientar sobre nossa escolha em trabalhar somente com mulheres/professoras. Em Dourados/MS, são maciçamente elas que cotidianamente se relacionam com as crianças, meninas e meninos, e participam ativa e intensamente na construção/desconstrução de regras e costumes. Sabemos que as transformações nas relações sociais e na organização familiar, bem como as mudanças no mundo do trabalho, desenharam um novo modo de produção e o estabelecimento de uma nova organização social, que provocou a inserção da mulher no trabalho fora da casa. Mas não sem os contornos históricos, que levaram as mulheres para os postos de trabalhos considerados seus destinos naturais. (MEYER, 2007).

Entendemos que retirar a mulher do lar e da posição antes ocupada por ela como mãe e responsável pela criação dos filhos, vai colocá-la nas frentes de produção como operária, exigindo sua participação no mercado de trabalho e impondo a necessidade da criação de formas de atendimento para suas crianças (SARAT, 2009). E, nesse contexto, inauguram-se formas de atendimento que vêm suprir ou, pelo menos, minimizar a responsabilidade com as crianças, o que anteriormente ficava a cargo de mães ou amas (ao longo da história sempre foram mulheres que estiveram envolvidas no processo de criação dos filhos).

Assim, temos um atendimento à pequena infância historicamente desenvolvido por mulheres, que se fundamenta numa tradição, chamada por Auad (2006, p. 65, grifo do autor) de “*tríade mulher-mãe-professora*”. Tais concepções se baseiam na ideia equivocada que as pessoas têm a respeito do trabalho que envolve mulheres e crianças, ou seja, aquela “[...] configuração da maternidade e do cuidado de crianças como ‘destino natural de mulher’” (MEYER, 2007, p. 14), como já apontado antes.

Feitas essas incursões dos caminhos trilhados para/na nossa investigação, cabe trazer algumas falas das professoras, que nos contaram sobre o seu aprendizado, permeadas por silêncios, dúvidas, medos, constrangimentos e vergonha. Nos depoimentos ficou perceptível uma relação próxima e cotidiana com suas mães, responsáveis pela educação e o cuidado das/os filhas/os, às/aos quais repassavam seus conceitos/preconceitos. Nesse contexto, pontuamos que o silêncio já (con)forma uma maneira de dizer o que se pensa ou conhece sobre determinado assunto. Que o silêncio é uma forma de linguagem humana, que expressa sentidos, significados. Portanto, o silêncio também educa.

Conforme indicamos, o processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança pressupõe a introjeção de valores e normas ditados por determinada sociedade, de acordo com o tempo histórico em que está inserida, da realidade histórica e socialmente construída. Questões que não são discutidas, palavras que não podem ser pronunciadas, além dos conceitos de certo e errado, moral e imoral, adequado ou não, situações que são alvo de fiscalização por parte da família, da escola e da sociedade em geral acabam por ser internalizadas inconscientemente pelas crianças e passam a fazer parte das suas concepções.

As professoras trouxeram à tona uma infância cercada por diferentes adultos (mães, pais, irmãos mais velhos, vizinhos, professoras), pelos quais as meninas eram cuidadas e educadas para viver uma feminilidade exigida como a legítima, assim como uma única forma considerada normal e sadia de sexualidade, a heterossexualidade. Em diversos momentos das entrevistas elas demonstraram ressentimentos por viverem sempre vigiadas, cuidadas, controladas e orientadas para cumprir funções sociais consideradas naturais das mulheres, ou seja, para não se excederem, especialmente diante das brincadeiras que ocorriam apenas após a realização dos serviços domésticos, dos quais os meninos eram totalmente liberados. Percebemos meninas cerceadas por uma educação e um cuidado diferenciados daqueles destinados aos meninos, que, provavelmente, a partir de tais vivências, adquiriram maiores conhecimentos, desenvoltura e autoestima.

Nos depoimentos foram recorrentes as palavras “isso”, “disso”, “estes assuntos”, “essas questões”, pois elas evitavam pronunciar as palavras sexo, sexualidade. E, além de manifestarem constrangimentos e dificuldades em tratar o assunto em pauta, as análises apontaram para um desconhecimento das professoras sobre os conceitos gênero e sexualidade na forma como são concebidos na contemporaneidade. E, nesse sentido, pontuamos nossa crença de que conceitos, preconceitos, tradições, regras, normas, direitos, deveres, hoje considerados como verdades absolutas, já tiveram outros significados e sentidos

diversos em outras épocas. Portanto, os conceitos, as concepções de gênero, sexualidade, diversidade, também podem ser transformados e novos valores tomar o lugar dos antigos.

Foucault (2009), ao relatar acerca da constituição histórica das sociedades modernas, salienta que o condicionante não é o fato destas terem condenado o sexo à obscuridade, mas sim falarem dele sempre, valorizando-o como o segredo. Segundo o autor, vivemos rodeados por verdades, por certezas advindas das diversas instâncias que se entendem autorizadas a nos orientar, transmitir conhecimentos, conduzir. Estamos atravessados pela subjetividade, inscrita em uma rede de compartilhamentos sociais e culturais que resultam tanto em marcas singulares na formação do indivíduo, quanto na construção de crenças e valores coletivos.

Também observamos, nas falas, diferenças muito bem determinadas para meninas e meninos, tanto no que diz respeito às brincadeiras, o que um podia e o outro não, como em relação às ditas obrigações com as tarefas de casa, que só eram cobradas das meninas. E, nessa direção, imprescindível assinalar que não queremos concluir com essas reflexões, como bem pontua Auad (2006, p. 23): “[...] os homens sempre dominam e as mulheres sempre são dominadas.” Mas, precisamos evidenciar que ser menina/ser menino, ser mulher/ser homem não é algo pronto, dado, e, portanto, é necessário estarmos atentos/as às nossas ações cotidianas, que às vezes, inconscientemente, repetem padrões e modelos por nós vividos/aprendidos/internalizados.

Quadro 3: A pesquisa de mestrado e seus desdobramentos

Autor	Título do trabalho	Ano de publicação	Evento/Periódico
Magda Sarat e Míria Izabel Campos	Memórias de infância e identidade de gênero na formação das profissionais na educação infantil	2008	Seminário Internacional Fazendo Gênero: Corpo, Violência e Poder
Míria Izabel Campos e Magda Sarat	Memórias de infância e identidade de gênero na formação de docentes na educação infantil	2008	II Seminário de Pesquisa da FAED/UFGD: Educação pública sul-mato-grossense. Memória, história e gestão
Míria Izabel Campos e Magda Sarat	Gênero e sexualidade: infância e educação infantil em questão	2009	III Seminário de Pesquisa da FAED/UFGD: Educação inclusiva, pesquisa e formação de professores
Míria Izabel Campos e Magda Sarat	Educação Infantil e prática docente na formação de meninas e meninos	2010	XV ENDIPE: Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: políticas e práticas educacionais
Míria Izabel Campos e Magda Sarat	Gênero e sexualidade na formação de professoras da educação infantil	2010	X Encontro de Pesquisa da ANPEd Centro Oeste: Desafios da produção e divulgação do conhecimento

Autor	Título do trabalho	Ano de publicação	Evento/Periódico
Míria Izabel Campos e Magda Sarat	Gênero, sexualidade e infância: memórias de professoras da educação infantil	2010	IV Seminário Internacional: Fronteiras Étnico-culturais e Fronteiras da Exclusão. A escola como espaço/tempo de negociação
Míria Izabel Campos e Magda Sarat	Memórias das construções de concepções de gênero e sexualidade na infância de professoras da educação infantil-Dourados/MS	2010	ENEPE/UFGD-Encontro de Ensino, Pesquisa e Extensão
Magda Sarat	Educação, memória e gênero: contribuições de Norbert Elias	2011	InterMeio: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação
Míria Izabel Campos	Gênero, sexualidade e formação de professoras da educação infantil: “descobrimo e redescobrimo significados”	2011	IV Encontro de Políticas e Práticas de Formação de Professores e I Congresso de Educação do CPAN
Míria Izabel Campos e Magda Sarat	Concepções e conceitos de gênero e sexualidade na formação de professoras da educação infantil-Dourados/MS	2011	I Encontro de História da Educação do Centro Oeste: Fontes, Pesquisa e Escrita da História da Educação
Míria Izabel Campos	Gênero e sexualidade: reflexões acerca da formação de professoras da educação infantil	2012	IX Jornada de Educação de Mato Grosso do Sul: Impactos das novas políticas educacionais na atualidade: impasses e desafios
Míria Izabel Campos	Civilidade, gênero e sexualidade: Memórias de espaços públicos e privados	2012	Capítulo no livro: Sobre processos civilizadores: diálogos com Norbert Elias organizado por Magda Sarat e Reinaldo dos Santos
Míria Izabel Campos e Magda Sarat	Pesquisa em Educação Infantil: gênero e sexualidade na memória de infância das professoras	2014	VI Jornada Nacional de Educação de Naviraí: Diversidade e inclusão: Itinerários da pesquisa em educação
Magda Sarat e Míria Izabel Campos	Gênero, sexualidade e infância: (Con)formando meninas	2014	Revista Tempos e Espaços em Educação

Fonte: Sarat e Campos (2015).

O espaço do artigo não permite tratar de cada um dos trabalhos elencados no Quadro 3, como fizemos com os relatórios de iniciação científica e os trabalhos de graduação expostos nos Quadros 1 e 2, respectivamente. Mas, a seguir, nos dedicaremos

a fazer nossas últimas considerações, registrando discussões que temos empreendido nos encontros e eventos científicos dos quais participamos e nos nossos grupos de estudos e pesquisas na universidade, pois acreditamos ser importante compartilhá-las com os leitores desse texto. Para nós, trata-se de um compromisso ético com a formação inicial de futuras/os professoras/es, bem como com a formação continuada de quem já se encontra no trabalho junto à infância. Também nos sentimos responsabilizadas a nos solidarizar com a luta por uma sociedade mais justa, democrática, igualitária, que respeite as diversidades de classe, raça, etnia, gênero, sexualidade e geração.

Refletindo para encerrar

Pesquisar acerca de gênero e diversidade pressupõe entender, primeiramente, que ao longo da história diferenças foram transformadas em desigualdades para justificar relações de poder constituídas a partir de concepções homofóbicas, misóginas, excludentes, hierarquizadas, dentre as quais destacamos heterossexuais/homossexuais, homens/mulheres, brancos/negros, adultos/crianças. Vale ressaltar que “[...] tanto a normalidade quanto a diferença são social e culturalmente produzidas [...]” (MEYER, 2007 p. 25) e, se são produzidas, poderão/precisarão ser desconstruídas, ressignificadas ou continuarão sendo reproduzidas.

Sabemos que na escrita histórica muitos foram os entendimentos e usos dos termos gênero, sexo, mulher, mulheres. Como pontua Pedro (2005, p. 77), “[...] através de um diálogo com movimentos sociais de mulheres, feministas, gays e lésbicas, foram se constituindo algumas categorias de análise [...] presentes em vários campos de conhecimento [...]”. Ou seja, dependendo dos contextos políticos e/ou dos modelos teóricos em evidência, os estudiosos se valeram de diferentes conceitos.

A partir disso, citando Colling (2014, p. 15), salientamos que

ao se analisar a história sob uma perspectiva de gênero, questiona-se a validade dos modelos interpretativos existentes, modifica-se a centralidade das análises hegemônicas, tornando-se visível o androcentrismo do discurso científico e histórico tradicional, condicionando-se assim a produção global da história.

E, trazendo as novas análises e posicionamentos de Scott (2008, p. 20, tradução nossa), destacamos que “[...] gênero significa conhecimento da diferença sexual”. E que “[...] tal conhecimento não é absoluto nem verdadeiro, mas sempre relativo [...]”.

Dessa forma, para finalizar, assinalamos que nas últimas décadas do século XX, temos visto emergir movimentos reivindicatórios por uma sociedade mais justa, democrática, igualitária. Que entramos para o século XXI, assistindo cada vez mais debates, e embates, em prol de garantias para que todas e todos possam viver com liberdade suas orientações sexuais e construir relações de gênero mais íntegras e equânimes. No entanto,

sabemos que nesse campo as discussões são tensas, pois implicam a problematização de relações de poder estabelecidas socialmente a partir de concepções de masculinidade e feminilidade tidas como verdades naturais e absolutas. (FELIPE, 2008).

Dessa nossa história, fizeram e fazem parte muitos entraves, questionamentos, tentativas de desqualificar os trabalhos, embaraçar e/ou mesmo excluir as acadêmicas que conosco desenvolveram e desenvolvem os trabalhos de graduação, as pesquisas de iniciação científica e de mestrado em educação sobre o tema. Em contrapartida, percebemos a carência de abordagens relativas à sexualidade, ao corpo, às discussões acerca de comportamentos esperados de meninas e de meninos e, nesse sentido, acreditamos ser imprescindível enfrentar desafios e fazer a travessia por diferentes caminhos.

Sendo assim, nós continuamos envidando esforços com o firme propósito de questionar certezas, rever conceitos e preconceitos cristalizados. E, podemos ressaltar, pelos trabalhos descritos, a importância das pesquisas relacionadas à temática em questão e a necessidade de prosseguir os estudos sobre gênero e diversidade sexual, possibilitando ampliar as discussões e os debates nos diferentes contextos de educação, da comunidade e em outros espaços sociais.

Recebido em abril de 2015 e aprovado em junho de 2015

Referências

AUAD, Daniela. **Educar meninos e meninas**: relações de gênero na escola. São Paulo: Contexto, 2006.

CAMPOS, Míria Izabel. **Memórias de infância de professoras da educação infantil**: gênero e sexualidade. 2010. 125 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, Mato Grosso do Sul, 2010.

COLLING, Ana Maria. **Tempos diferentes, discursos iguais**: a construção do corpo feminino na história. Dourados, MS: UFGD, 2014.

DÁVALO, Bruna Amaral. **Memórias de infância de mães, professoras na educação infantil, e a educação dos meninos**. Dourados, MS: UFGD, 2011. Relatório de Iniciação Científica/PIBIC.

_____. **Memórias de infância de professoras e a identidade de gênero na formação das crianças da educação infantil**. Dourados, MS: UFGD, 2010. Relatório de Iniciação Científica/PIBIC.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. v. 1.

FELIPE, Jane. Proposta pedagógica. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. **Salto para o futuro**: Educação para a igualdade de gênero, Brasília, ano XVIII, boletim 26, p. 3-14, nov. 2008.

FONTES, Joaquim Brasil. Apresentação. **Pro-Posições**, Campinas, v. 19, n. 2(56), p. 13-15, maio/ago. 2008.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 19. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

FREITAS, Sonia Maria de. **História oral: possibilidades e procedimentos**. São Paulo: Humanitas, 2002.

KOCHI, Joice Camila dos Santos. **Memória de homens, pais de meninos e casados com professoras, sobre questões de gênero na infância e a educação de meninos**. Dourados, MS: UFGD, 2012. Relatório de Iniciação Científica/PIBIC.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, Campinas, v. 19, n. 2(56), p. 17-23, maio/ago. 2008.

MACHADO, Daniéle de Matos. **Como os bebês são educados?** Cuidar educar: as relações de gênero com crianças pequenas na creche. 2012. Monografia (Graduação) – Licenciatura em Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Grande Dourados, Mato Grosso do Sul, 2012.

_____. **Educação infantil e gênero: o cuidar e educar das crianças pequenas na creche**. Dourados, MS: UFGD, 2011. Relatório de Iniciação Científica/PIBIC.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MIRANDA, Josiane Pereira Santos. **Brincadeiras de meninos e meninas: reflexões acerca da relação de identidade de gênero na Educação Infantil**. 2009. Monografia (Graduação Licenciatura em Pedagogia) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Grande Dourados, Mato Grosso do Sul, 2009.

MOREIRA, Janaina Tiburcio. **Concepções de jogos e brincadeiras na educação infantil: construção da identidade de gênero**. 2010. Monografia (Graduação Licenciatura em Pedagogia) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Grande Dourados, Mato Grosso do Sul, 2010.

OLIVEIRA, Cristiane Viana de. **A formação da identidade na educação infantil: sob a perspectiva da criança**. 2011. Monografia (Graduação Licenciatura em Pedagogia) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Grande Dourados, Mato Grosso do Sul, 2011.

OLIVEIRA, Natália Silva de. **Memórias de infância de lésbicas na família e na escola**. 2011. Monografia (Graduação Licenciatura em Pedagogia) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Grande Dourados, Mato Grosso do Sul, 2011.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 77-98, 2005.

PEREIRA, Ivanete Fernandes. **Professoras na educação infantil: memórias de infância e identidade de gênero**. Dourados, MS: UFGD, 2009a. Relatório de Iniciação Científica/PIBIC.

_____. **Professoras na educação infantil: memórias de infância e identidade de gênero**. 2009. Monografia (Graduação Licenciatura em Pedagogia) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Grande Dourados, Mato Grosso do Sul, 2009b.

SANTOS, Josiane Pereira. **Vamos brincar de casinha?** Concepções de jogos e brincadeiras com as crianças na educação infantil. Dourados, MS: UFGD, 2009. Relatório de Iniciação Científica/PIBIC.

SARAT, Magda. **Histórias e memórias de infância: identidade de gênero na formação de profissionais da educação infantil**. Dourados, MS: UFGD, 2008-2012. Projeto de Pesquisa CNPq.

_____. O Surgimento do conceito de infância: do renascimento à modernidade. In: SARAT, Magda (Org.) **Fundamentos filosóficos da educação infantil**. 2. ed. rev. e amp. Maringá: EDUEM, 2009.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero e história**. México: Fondo de Cultura Económica, Universidad Autónoma de la Ciudad de México, 2008.

TIBÚRCIO, Janaína. **Vamos brincar?** Concepções de jogos brincadeiras na instituição de educação infantil. Dourados, MS: UFGD, 2010. Relatório de Iniciação Científica/PIBIC.

XAVIER FILHA, Constantina. **Discursos da intimidade**: imprensa feminina e narrativa de mulheres-professoras brasileiras e portuguesas na segunda metade do século XX. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. Uma perspectiva histórico-cultural da sexualidade. In: URT, Sonia da Cunha (Org.). **Psicologia e práticas educacionais**. Campo Grande: UFMS, 2000.

Education, childhood and genre

Memorial of researches

ABSTRACT: This article brings into a debate researches about education developed between the years 2008 and 2012, with bias driving to thematic of genre and sexual diversity. The aim of it was to contribute to the initial and continuing teaching education course in Pedagogy through investigation in which kindergarten teachers were taken by focusing primarily memories from their childhood. Results were widely spread in scientific events and meetings once they help discussions and thematic visibility.

Keywords: Research in education. Childhood. Genre.

Education, enfance et genre

Mémorial de recherches

RÉSUMÉ: L'article fournit par le débat, entre 2008 et 2012, des recherches en éducation développée par le biais et vers des thématiques de genres et de diversités sexuels. L'objectif était de contribuer, en tant que gradué(e) de licence en pédagogie effectuée par une formation initiale et continue, à la réalisation d'investigations en incluant des professionnels de l'éducation infantile et en mettant particulièrement l'accent sur les souvenirs d'enfances. Les résultats des études fussent amplement divulgués dans les évènements et les réunions scientifiques, contribuant à l'ouverture au dialogue et clarifiant la visibilité de la thématique.

Mots-clés: Recherche en éducation. Enfance. Genre.

Educación, infancia y género

Recorrido investigativo

RESUMEN: Este artículo presenta investigaciones educativas desarrolladas entre los años 2008 y 2012 relativas a las temáticas de género y diversidad sexual. El objetivo de dichas investigaciones ha sido contribuir a la formación inicial y continua de estudiantes de Pedagogía; su enfoque prioritario ha sido sobre las memorias de la infancia y han involucrado a profesionales de la Educación Infantil. Cabe agregar que los resultados de estos estudios han sido ampliamente divulgados en eventos y reuniones científicas, lo que contribuye a la discusión y visibilidad de las temáticas estudiadas.

Palabras clave: Investigación en educación. Infancia. Género.